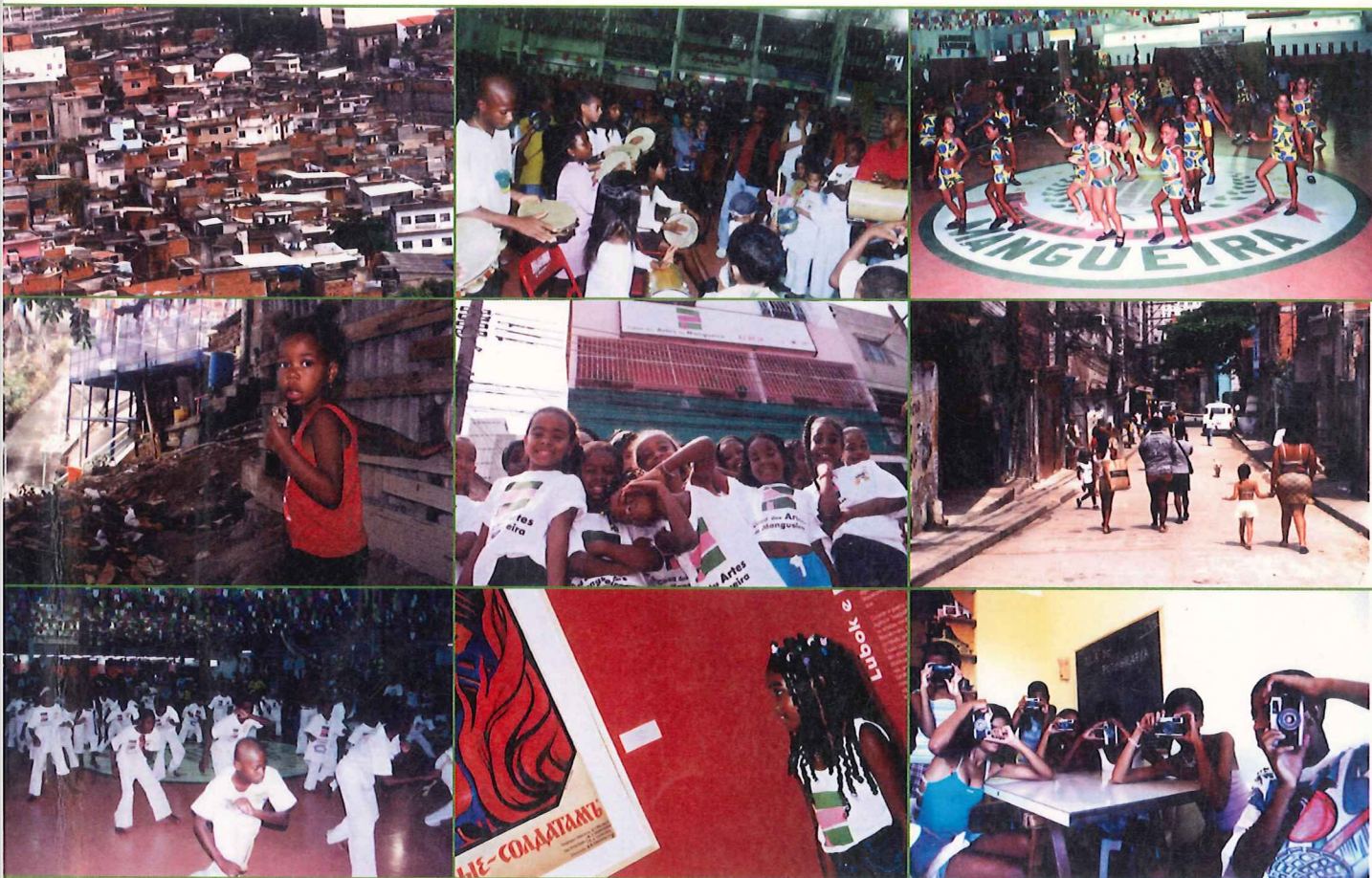


# O que vem do morro

Imagens e poesias da Mangueira



Casa das Artes da Mangueira 2002

# O que vem do morro

Imagens e poesias da Mangueira

XEROX

# CASA DAS ARTES DA MANGUEIRA

**Coordenação Geral**  
Sueli de Lima

**Coordenação Executiva**  
Juliana Prado

**Administração**  
Maria das Graças Fortunato

**Produção**  
Vivian Pereira  
Andréa Pereira de Macedo  
Rubens Oliveira dos Santos

**Manutenção**  
Naná da Silva

**Assessoria de Imprensa**  
MarkPress

**Realização**  
Moledo Produções e Consultoria Ltda.  
Pedro Nin Ferreira

## NÚCLEO DE REGISTRO AUDIOVISUAL

**Fotografia**  
Vantoen Pereira Jr.  
Gilson Lessa

**Prática de Laboratório Fotográfico**  
Gilson Lessa

**Casa das Artes da Mangueira**  
Rua Visconde de Niterói, nº 1.168 - Mangueira  
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20943 001  
Tel.: (21) 3234 3712

**(copyright)**  
©2002 Moledo Produções e Consultoria Ltda  
moledo@ism.com.br

## NÚCLEO DE PESQUISA ARTÍSTICA

**Capoeira**  
Associação Cultural de Apoio a Capoeira - Elite Carioca  
Jean Lourenço (Corisco)  
Roberto Cavalcante (Injuriado)  
Carlos Gutenberg (Kong)  
Josuel Alves da Silva (Canjica)  
Emanuel Emiliano Guimarães (Branco)

**Artes Integradas**  
Mônica Duque  
Joana Lyra  
Diana Tubenchlak Peres (estagiária)

**Oficina de brinquedos**  
José Maria da Silva  
Simone Oliveira Peres

**Brincando com o corpo**  
Malu Carvalho

**Dança popular**  
Tânia Bisteka

**Percussão**  
José Roberto Dias da Silva

**Poesia**  
Pedro Lage

**Teatro**  
Márcio Galli

Patrocínio:

**XEROX**

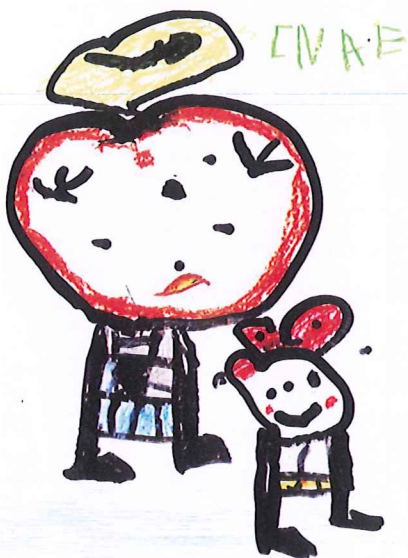
Apoio:



Realização:

**moledo**  
produções e consultoria

# sumário



Apresentações.....págs. 5 a 22

De que somos feitos.....pág. 14

Uma casa colorida.....pág. 18

Mangueira vista  
assim de  
cima.....pág. 20

Por onde  
andamos.....pág. 23

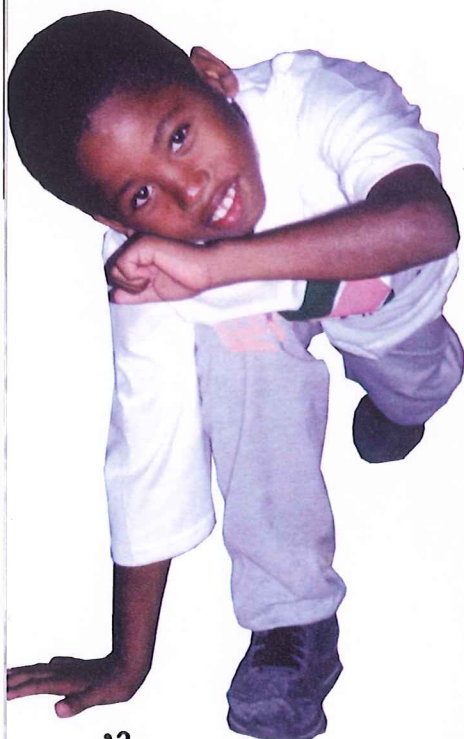
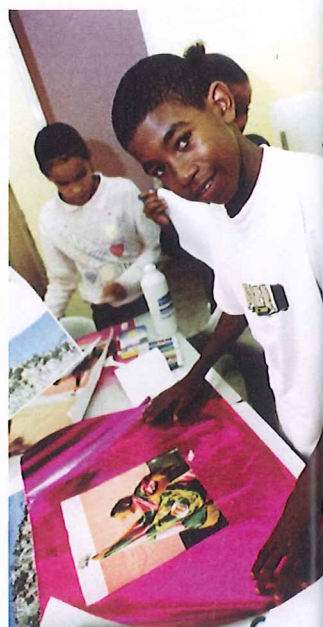
Grasa,  
a avó de  
300 crianças.....pág. 24

Oficina de artes  
integradas.....pág. 28

Oficina brincando  
com o corpo.....pág. 38

Oficina de brinquedos.....pág. 40

Oficina de capoeira.....pág. 42





- OFICINA de DANÇA POPULAR.....pág. 52
- OFICINA de FOTOGRAFIA.....pág. 60
- OFICINA de PERCUSSÃO.....pág. 68
- OFICINA de POESIA.....pág. 74
- OFICINA de TEATRO.....pág. 84
- NOSSOS POETAS do MORRO.....pág. 88
- NOSSA HOMENAGEM.....pág. 105



“a casa  
das artes  
é o meu  
futuro”


Bruna,  
13 anos






# De que somos feitos?

Diferente da história dos três porquinhos, o que edifica a Casa das Artes da Mangueira não são os tijolos, mas nossas experiências com a arte, nossas infâncias e juventudes compartilhadas, quando podemos brincar, crescer, correr, sujar, mexer, chorar, comer, duvidar, ansiar, acreditar ou simplesmente desprender-se. É uma vivência muito particular porque, em torno da arte, nos sentimos misteriosamente poderosos, capazes de alterar a ordem das coisas, o que nos faz felizes. Através da arte, podemos sentir e pensar de forma integrada, nos descobrindo e descobrindo o mundo ao mesmo tempo. Estamos unidos através desse prazer, num verdadeiro estado de comunhão. Ao nos alimentarmos mutuamente (e não somente de comida), “ficamos fortes” e enfrentamos o mundo com mais coragem. Existe entre nós muita franqueza. Aqui joga-se limpo, ou a vida cuida de afastar. Nosso espaço é muito pequeno, a proximidade é enorme; há que se ter um coração grande para resistir ou, quem sabe (?), aqui é o lugar certo para fazer crescer o coração.



Desenvolvemos nosso trabalho num terreno de características muito marcantes. Primeiramente, é preciso dizer que não somos uma escola no sentido convencional do termo, mas realizamos uma experiência educacional. Isto porque educação é algo que há muito extrapolou os muros da escola. De maneira diferente do ensino tradicional, não trabalhamos sobre currículos elaborados a partir do conhecimento historicamente sistematizado pela sociedade. O que não quer dizer que este conhecimento não faça parte do processo. É apenas mais um elemento em um projeto educacional abrangente, que reúne todo tipo de experiências do curso de nossas vidas. Estamos em contato direto com um material vivo, contraditório e alheio a qualquer tentativa de organização.

Nossa experiência se insere no espaço da educação não-formal, uma modalidade que vem ocupando um espaço significativo no Brasil a partir dos diversos trabalhos que o terceiro setor vem desenvolvendo, o que, a meu ver, reforça a necessidade de reflexão sobre o tema. Este livro tem a intenção de apresentar nossa história e, ao mesmo tempo, contribuir para esta





discussão que se coloca tão urgente diante dos desafios que nossa realidade nos convoca diariamente.

Na Casa das Artes, nós, educadores, encontramos logo de saída um desafio: perder o vício de ensinar. Precisamos nos abrir para uma experiência em que a transmissão de conhecimento acontece de forma não-obrigatória. O objetivo é nos envolver num processo prazeroso, no qual o ensinar e o aprender são apenas possibilidades e não a condição primordial de relacionamento. O importante é estabelecer laços sociais e afetivos entre o grupo, a partir do interesse identificado. Desta forma, todos (alunos e professores) trocam de papel todo o tempo: quem hoje está ensinando, amanhã estará aprendendo, dialeticamente, numa experiência provocante.

Mas aprender o quê? Queremos excitar as diferentes linguagens artísticas da cultura contemporânea produzida no morro e no asfalto. Ao fazer com que toda a diversidade cultural seja respeitada e esteja presente no decorrer dos trabalhos, buscamos não só valorizar mas também misturar as diversas linguagens. Nosso papel é descobrir os desejos e anseios dos grupos e, a partir das diversas realidades culturais em questão, integrá-los a fim de desenvolver o espírito conciliatório e solidário entre as diferentes esferas de produção e recepção de arte que convivem no cenário cultural carioca. O desenvolvimento de políticas conciliatórias, é bom lembrar, é um desafio que se coloca para educadores não somente no Rio de Janeiro; trata-se de um velho e cada vez mais agudo problema no mundo todo, e do qual não podemos desistir.

Interessados, como somos, na questão da conciliação, muitas vezes nos perguntamos o quão complexa se coloca a questão da cultura hoje. O reconhecido antropólogo norte-americano Clifford Geertz<sup>(1)</sup> nos questiona sobre este conceito tão polêmico do que é cultura: seria ela um consenso em torno de hábitos, formas de ver e criar a vida? Há um paradoxo, ocasionalmente notado mas não profundamente meditado, acerca do estado atual daquilo a que nos referimos, com muita displicência, como o "panorama mundial" : cada vez mais global e mais dividido, mais completamente in-

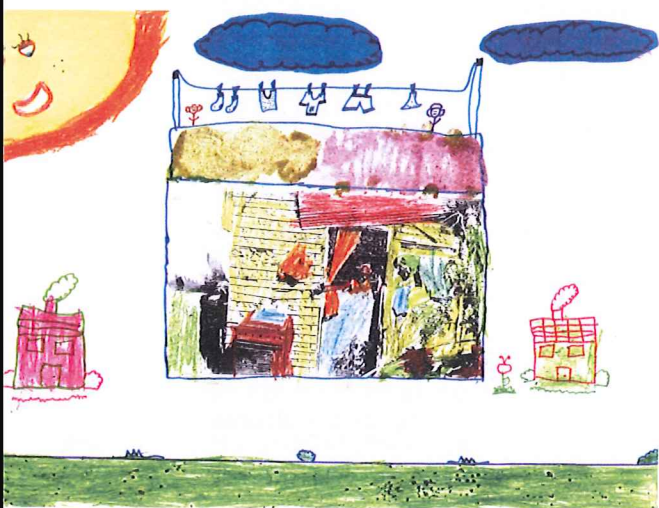


terligado e mais intrinsecamente compartimentalizado, ao mesmo tempo. "O cosmopolitismo e o provincianismo já não se opõem, ligam-se e se reforçam. À medida que aumenta um, aumenta o outro". Nesta direção, a questão da demarcação das fronteiras culturais vai se alargando, quando não tarefa arbitrária, teórica; enquanto na prática se experimenta o sabor da imprecisão, próprio dos processos culturais, em que o encontro com o outro, com o diferente, é responsável pelo movimento da história.

Como num laboratório, o trabalho que desenvolvemos na Casa das Artes revela a cada dia que discernir limites culturais, traçar linhas de contorno

em grupos de indivíduos que seguem uma forma de vida mais ou menos identificável, é algo muito difícil de se realizar na prática. Descobrimos a cada dia o quanto nossa realidade é sabiamente contaminada, e o quanto é preciso dedicar mais atenção às particularidades das coisas, ao que está acontecendo e à maneira como as coisas funcionam.

A prática desenvolvida nesses espaços de educação não-formal, como a Casa de Artes da Mangueira, exige do educador uma atitude política perante a realidade pois, ao abrir para si e para os outros novas perspectivas de ação, questiona a visão que quer manter as coisas como dadas, predeterminadas pelas condições históricas. Nossa prática revela para os envolvidos e para a sociedade que os "grupos dominados" não são passivos e que há na história brechas inteligentes capazes de alterar a ordem das coisas, como a educação e a arte. Mesmo sem saber exatamente qual será o nosso futuro e, portanto, os resultados de nosso trabalho, desconfiamos que por meio da arte, de indivíduos e de sociedades criativas, será possível elaborarmos saídas ainda não vislumbradas pela história.





Este livro pode ser dividido em dois blocos: no primeiro, refletimos um pouco sobre nosso dia-a-dia, apresentamos nosso trabalho, nossas crianças, jovens e professores. Em seguida, mostramos um ensaio poético-fotográfico realizado pelos alunos e o trabalho de quatro poetas da comunidade que nunca tiveram a oportunidade de publicar seus trabalhos. Esses quatro jovens senhores foram convidados a participar do livro porque entendemos que nossa atuação na Mangueira há muito pulou o muro da Casa das Artes e queríamos compartilhar este momento especial com pessoas igualmente especiais.

Portanto, é com enorme alegria que apresentamos este terceiro livro da Casa das Artes da Mangueira, que conta com o apoio sincero de uma grande empresa como a Xerox do Brasil, capaz de desenvolver com seus parceiros uma relação tão próxima, cuidadosa e, ao mesmo tempo, capaz de respeitar a liberdade necessária para o desenvolvimento do trabalho.

A cada ano que passa nosso coração vai ficando cada vez mais verde e rosa. É portanto com a mesma alegria das crianças que quero agradecer o apoio de toda a diretoria do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, especialmente ao seu presidente Sr Álvaro Caetano e a diretora do programa social Sra Célia Regina Domingues que neste último ano deram várias demonstrações de que nossa aliança contribui efetivamente para as conquistas que a comunidade da Mangueira vem realizando.

"Fala Mangueira"

**Sueli de Lima**  
Coordenação Geral  
suelima@ism.com.br

# Créditos do Livro

**Coordenação Editorial**  
Sueli de Lima

**Produção Editorial**  
MarkPress

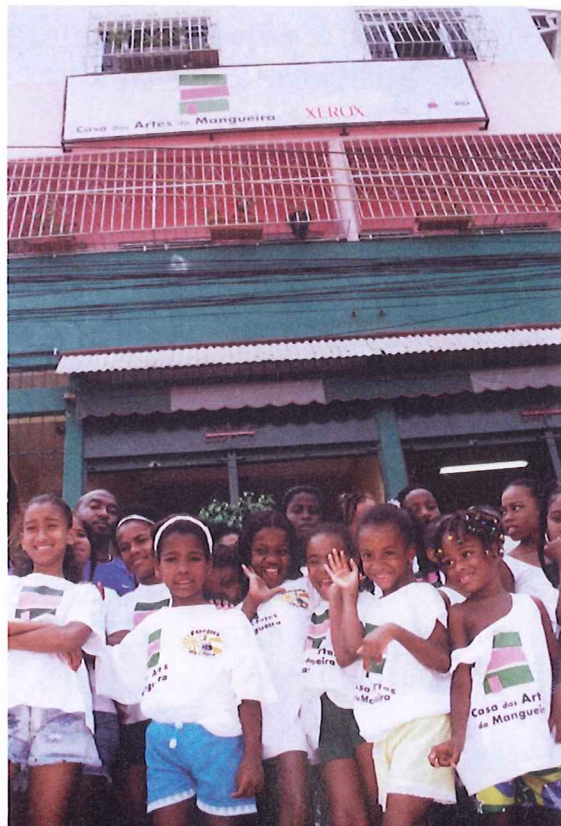
**Texto**  
Pedro Tinoco

**Projeto Gráfico**  
Valeria Recio

**Padronização e Revisão de Texto**  
Rosalina Gouveia

**Impressão**  
Fábrica de livros – SENAI / FUNGUTEN / XEROX

**Fotos**  
Vantoen Pereira Jr. (capa e páginas 6, 8, 10, 13, 19, 60, 61, 63)  
Gilson Lessa (capa, páginas 6, 8, 10, 13, oficinas e todos os alunos)  
Armando Araújo (capa e crédito nas fotos)  
Angela Nobre (crédito nas fotos)  
Márcio Galli (crédito na foto)  
Noélia Albuquerque (crédito nas fotos)  
Alunos da Casa das Artes da Mangueira (crédito nas fotos)



# Nossos Agradecimentos

Álvaro Luiz Caetano  
Amauri Ribeiro Wanzeler  
Associação de Moradores da Candelária  
Associação de Moradores do Chalé  
Associação de Moradores do Buraco Quente  
Associação de Moradores do Telégrafos  
Associação de Moradores dos Três Tombos  
Caíque Botkay  
Célia Regina Domingues  
CAMP Mangueira / Antônio Carlos Ferreira Lopes  
Carlos Eduardo Herguet - Informática da Vila Olímpica  
Dona Zica e família  
Eli Gonçalves da Silva  
Elisa Lucinda  
Equipe da Comissão Carioca de Produção Cultural – RioArte  
Equipe da Fábrica de Livros  
Fátima Sá  
Francisco de Carvalho  
Ivanir dos Santos  
Ivo Meireles  
Glória da Silva  
Leila Moreno  
Lúcia Bettencourt  
Márcia da Silva Machado (Gueisinha)  
Marcílio José Gonçalves – FAETEC  
Maria Helena Pereira  
Marília Persiliana dos Santos Costa  
Maurício Andrade – Ação da Cidadania/ Comitê Rio  
Nadja Naira Glória da Silva  
Pedro Lage  
Rádio Comunitária Mangueira  
Sociedade Brasileira de Psicanálise  
TV Manga  
Walter Siqueira  
Willian Silva dos Santos – Projeto Comunidade em Atividade - Mangueira  
Willian Alves de Oliveira Ferreira